

Cabe ao público lotar as salas de cinema e fazer jus a este misto de comédia e thriller de ação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Um mês depois de uma conquista histórica pro Brasil! – na Berlinale, onde seu mais recente projeto serializado, “Emergência 53”, venceu o Studio Babelsberg Production Excellence Award, Cláudio Torres tem pela frente uma missão tão (ou mais arriscada) do que a de seus outonais personagens em “Velhos Bandidos”: salvar as bilheterias brasileiras. Por “salvar”, entenda-se dar ao país a sua primeira receita milionária num ano em que os lançamentos nacionais não decolam na venda de ingressos.

O todo-poderoso “O Agente Secreto” bateu a marca de 2,5 milhões de entradas vendidas, mas estreou em novembro do ano passado, e teve prêmios em Cannes, dois Globos de Ouro e quatro indicações ao Oscar. Tudo o que veio de janeiro até aqui não virou (nem de longe) blockbuster. Criador da série sobre o SAMU com Márcio Maranhão e Andrucha Waddington de que Berlim tanto gostou, Cláudio conta com uma força da natureza chamada Fernanda Montenegro como chamariz de um roteiro metade comédia, metade ação que escreveu com Fábio Mendes e Renan Flumian. O par de Fernandona é igualmente titânico em tempo de carreira, em rendimento em cena e em carisma: Ary Fontoura. Não bastassem os dois, o realizador de “A Mulher do Meu Amigo” (2008) e (da obra-prima) “Redentor” (2004) dá holofotes a três estrelas de gerações mais recentes: a caxiense Bruna Marquezine e os baianos Vladimir Brichta e Lázaro Ramos.

“Este elenco não cabe numa tela de celular, nem numa televisão. É um elenco para ser apreciado no cinema e, minha gente, vão no assistir na primeira semana, por favor. Não deixa para a segunda semana, não. Neste momento em que o cinema, no mundo todo, vive uma crise, com dificuldade de atrair gente para as salas, transmitam esse recado: ‘Lawrence da Arábia’ não cabe num celular; ‘Duna’ não cabe num celular; O filme do Kleber (Mendonça Filho, no caso, “O Agente Secreto”) não cabe num celular; este filme não cabe num celular. Convidem a garotada de vocês a largar o tablet e arrastem esse público para as salas. Estamos no meio de uma guerra”, diz o cineasta (que é filho de Dona



Fernanda Montenegro e Ary Fontoura levam Bruna Marquezine e Vladimir Brichta a um assalto ousado em “Velhos Bandidos”

Um filme que não cabe na tela de celular



Os veteranos Tony Tornado, Teca Pereira, Vera Fischer, Hamilton Vaz Pereira e Reginaldo Faria completam o time golpista

Fernanda) durante uma coletiva de imprensa, em Copacabana, na qual, vez por outra, precisava dar um “toque” na diva dos palcos e das telas. “Mãe, vai pegar mal a senhora ficar elogiando seu filho toda hora”.

Havia uma razão além do amor para a corujice de Fernandona, que, em 2025, viu a irmã de Cláudio, Fernanda Torres, ganhar o Globo de Ouro, por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. Aliás,

nesse longa, que conquistou o Oscar, as duas dividiam o papel central. A razão do mimo de Fernandona é: o projeto foi idealizado pelo realizador carioca para a veterana estrela para que ela pudesse se de-

leitar com um dos registros narrativos de que mais gosta: o riso.

“O Cláudio sabe que eu adoro comédia. Fiz muitas, mas no teatro. No cinema, nem tanto”, dizia a atriz.

Na estreia, sua cria retrucava: Este filme é uma celebração à Dona Fernanda e quando eu procurava gente para compor o elenco, bastava dizer que ela estaria para as pessoas aceitarem”, diz Cláudio, que arrebanhou ainda Reginaldo Faria, Vera Fischer, Teca Pereira, Hamilton Vaz Pereira, Tony Tornado, Laila Garin e Nathalia Timberg para uma narrativa cheia de reviravoltas.

Ao lado do filhote, na conferência de imprensa, Fernandona era só orgulho: “Este é um filme que tem cinco protagonistas. Quando é que já se viu coisa assim? Tudo era uma festa. Dava até pena quando acabava o dia de filmagem”, disse a estrela de marcos como “A Falecida (1965)” e “Central do Brasil” (Urso de Ouro de 1998), hoje com 96 anos. “De cada filme que participei, ficou uma coisinha em mim. Um traço, uma lembrança. Aqui tem estilo”.

Há um ano, ainda em meio ao furacão “Ainda Estou Aqui”, Fernandona arrastou cerca de 700 mil pagantes ao circuitão para conferir “Vitória”, um thriller baseado em fatos reais no qual uma